**Resumo** do Capítulo *Empatia, Altruísmo e Comportamento Pró-social*, de Emma Otta e Vera S. Bussab. 2021.

A empatia e o altruísmo são formas de comportamento pró-social, nas quais está implícita, e às vezes explícita, uma ajuda ao outro. O nível de ajuda é um elemento que define a escala de ações pró-sociais de Maimônides, do menos ao mais interessado.

A empatia e o altruísmo estão, muitas vezes, interligados. Quando temos uma resposta emocional diante do estado emocional do outro, a empatia afetiva, ou mesmo quando conseguimos saber como o outro se sente ou o que está pensando, a empatia cognitiva, podemos ter a percepção da necessidade do outro e a motivação para o comportamento altruísta. O altruísmo também pode ignorar uma motivação para a ajuda e refletir processos evolutivos e sociais nos quais o altruísmo passa a fazer sentido quando pensamos no grupo e não no indivíduo.

Alguns mecanismos foram propostos para explicar um paradoxo darwiniano, a cooperação como força motriz da evolução no lugar da competição: seleção de parentesco, altruísmo recíproco e seleção de grupo. O mecanismo de seleção de grupo requer uma reanálise, e o artigo se propõe a repensá-lo num modelo de percepção-ação.

O modelo de percepção-ação (MPA; de Stephanie Preston e F. de Waal) propõe que compreendemos os estados emocionais dos outros por meio de representações corporificadas. Podemos pensá-lo como uma sobreposição de camadas, nas quais à resposta empática foi acresentada uma base socioafetiva essencial. A resposta empática é explicada pelo espelhamento motor e pelo contágio emocional. A observação do outro ativa uma representação motora no indivívuo, ligada a uma resposta visceromotora. Esse mecanismo, inclusive, parece se aplicar ao relacionamento entre espécies, como no caso dos cães que demonstram empatia na relação com humanos.

A crescente quantidade de evidências que sustentam empatia em espécies primatas não-humanas sugere que a empatia pode ser um fenômeno filogeneticamente contínuo, a partir do qual capacidades sociais foram sendo construídas pela interação entre seleção e desenvolvimento ontogenético. Espelhamento motor, por meio da imitação facial rápida; Preocupação empática, o segundo nível do MPA, e adoção de perspectiva e ajuda direcionada, o terceiro nível, foram observados em primatas não-humanos. A evolução natural da empatia demonstra sua base filogenética mais ampla, e sua importante relação com o comportamento pró-social.

**Questões** do artigo *Intentional Attunement*, de V. Gallese, 2007.

1. Quanto o autor cita um estudo no início da página 2, em que a parte final da ação está escondida do observador e mesmo assim os neurônios-espelho em F5 de macacos se ativam, não é esse na verdade um resultado que contraria que quando se internaliza a representação motora esta seria guiada pelo alvo da ação? Nesse caso não sabemos o alvo da ação porque ele está escondido.
2. Ou na verdade esse resultado, acima comentado corrobora a hipótese de simulação do modelo, “to perceive an action to equivalent to internally simulating it.”? Mas aqui então vemos a interação dos neurônios-espelho com outro sistema mental, não exatamente como “fim” mas como “meio”? E agora a parte final da ação é simulada, por nós. Nesse sentido, uma mudança de “modelo” que guia a simulação pode implicar em diferentes simulações e sensações, mesmo a partir de um mecanismo guiado por neurônios-espelho.